

Artigo/Opinião

*Os artigos e colunas com assinatura nas páginas deste jornal não traduzem necessariamente a opinião do mesmo, são de inteira responsabilidade de seus autores.

O Café de Chaleira

■ **Raul Annes Gonçalves** – Texto extraído do livro “Mala de Garupa – Costumes Campeiros”

Quatro gaúchos, desde a madrugada, troteavam estrada afora com um lote de cavalos por diante. Às nove horas acamparam junto a uma sanga, onde havia algumas árvores, para tomarem café e mudarem de cavalo.

Improvisaram uma forma contra um aramado e pegaram os cavalos para muda. Fizeram fogo e puseram as chicolateiras com água para esquentar. Depois, desencilharam aos montados, tirando das malas de garupa o café, as bolachas e o açúcar dava uma tintura preta com um forte e agradável cheiro. Em geral, os tropeiros costumavam dividir as obrigações do fogão entre si. A um tocava fazer e encher o mate, a outro, a responsabilidade de juntar lenha; desta maneira tornava-se fácil e até mesmo divertido o trabalho. O encarregado de fazer café naquela manhã, assim que ferveu uma das chicolateiras, a retirou do fogo e despejou dentro dela duas colheres de café em pó. Mexeu-o bem com a ponta da faca até dissolver todo; depois tornou a pôr a chicolateira no fogo.

Quando levantou nova fervura, deixou que transbordasse um pouco do líquido pela beira da vasilha. Em seguida, retirou-a do fogo e meteu um tição aceso dentro do café, que provocou nova ebulição. Ali o manteve por segundos. Isso feito, com as costas da faca, deu algumas pancadinhas por fora, na chicolateira. Estava pronto o café. Quando não há tição, por exemplo, em fofo de gravetos, ou em zona que existe lenha e o fogo é feito com corunilha, isto é esterco seco de gado, nestes casos, pondo água fria na fervura do café, ajuda a sentar a borra.

Feito o café em chicolateiras ou cambonas, ficava à disposição dos tropeiros. Estes serviam-se

despejando o café em seus canecos aloucados ou guampas onde botavam açúcar a seu contento.

Depois de servidos, com uma bolacha na mão e o copo de café na outra, sentavam nos arreios ou nos pelegos dobrados, às vezes colocados em cima de uma caveira de vaca, já limpa pelo tempo, ou de alguma pedra, fazendo às vezes de banco. Alguns preferiam ficar acocorados nos “garrões”, como é habito entre nosso homem do campo, e, assim acomodados, tomavam traqüilamente, o café da manhã.

Finda esta ligeira refeição, lavavam os copos e guardavam na mala de garupa o açúcar, bolacha e o café em pó. A sobra do café nas cambonas era posto fora e as vasilhas bem lavadas na sanga. Estas mesmas chicolateiras ou cambonas serviam para, ao meio-dia, aquecer a água para o amargo, como também para preparar a salmoura para o assado. Levantando o acampamento, os tropeiros seguiam a trote chasqueiro, estrada afora, pintando um crioulo.

Os gaúchos viajavam dias, fazendo 10 a 15 léguas diárias sem se aborrecerem. Nem se davam conta do tempo era indiferente; depois de um dia vinha outro; o importante, sim, era o serviço que estavam incumbidos de fazer.



Nas cambonas também se esquentava a água do mate e preparava a salmoura do assado

Sou simples barbaridade!

■ **Kaká Neto** – Servidor público aposentado

Sou gaúcho de campanha.
Eu nasci no Cacequi
E desde os tempos de guri,
Aprendi tocar viola...
Qualquer chinoca me enrola,
Quando eu canto uma vaneira
E na base da choradeira,
No meu ombro se consola.

Uso bota e bombacha
E um lenço bem colorado.
Um facão de cada lado
E uma garrucha embuchada...
Não tenho medo de nada.
Todo mundo é meu amigo
E se surgir um inimigo,
Convido-o pra uma carteadada...

Eu nunca ando sozinho,
Pois tenho um anjo da guarda,
Que me livra e me resguarda,
De coisa ruim que aparece...
Sempre faço minha prece,
Para Deus, pai de bondade,
Que só me ensina a verdade
E nada de mal me acontece!
Eu sempre ando na linha,

Por isso é que nunca erro.
E, cada vez mais me esmero,
Pra não fazer injustiça...
Pois “não sou de encher
linguiça”,
Com o tal de “papo furado”.
E quem está no meu lado,
Trato com fibra e justiça.

Sou amigo dos meus amigos
E não “embrulho” ninguém.
Não me enrolando, também,
Até que empresto dinheiro...
Se o “cara” é meu parceiro,
Jamais deixo na pior.
Gosto sempre do melhor,
Pra mim e pra meu
companheiro...

Se eu continuar pobrezinho,
Não vou me queixar da vida,
Pois tenho a prenda querida,
Que me traz felicidade...
É chinoca de verdade!
Tenho a prendinha medonha
E a gurizada se assanha,
Pois eles têm pouca idade!

Se eu ganhar na loteria,
Vai terminar gente pobre.
Ai, sei que sou um nobre.
Ter dinheiro é uma beleza,
Pois mania de grandeza,
Nunca tive e nem terei.
Quem foi majestade é rei.
Vou ajudar a pobreza!

Este é o meu auto-retrato,
Que falei para os amigos,
Que podem contar comigo.
Jamais falei com a verdade,
Falo com sinceridade.
Sempre tem alguém que agride,
Quem duvidar que duvide,
Sou simples barbaridade!

IMAGEM ILUSTRATIVA / WIKIPÉDIA



O Dilema de Salomão

■ **Consuelo Paixão Côrtes** - Auditora fiscal federal agropecuária

O Código de Defesa do Consumidor diz que fabricantes de produtos de origem animal são responsáveis pelo alimento entregue a quem consome. As indústrias devem desenvolver programas de autocontrole e executá-los, mediante verificação de um fiscal do serviço oficial de inspeção, lotado no estabelecimento. Mesmo assim, sob responsabilidade da empresa, são lavrados inúmeros autos de infração por vários motivos. Entre eles, falta de higiene na produção do alimento, pelo aproveitamento de produtos com data de validade expirada ou impróprios ao consumo humano.

Se, com a presença permanente do fiscal agropecuário, algumas indústrias não conseguem se autocontrolar, gerando autos de infração, de que forma - sem a presença do fiscal do serviço oficial - as empresas poderão fornecer garantia de alimento seguro ao con-

sumidor? É isso que um projeto que tramita no Congresso prevê: entregar a inspeção de produtos de origem animal a médicos veterinários privados, contratados pela própria empresa que deve ser fiscalizada.

O serviço oficial, por sua vez, apresenta dificuldades de recursos humanos, não dispondo na atualidade do número de profissionais necessários para atender à demanda de crescimento do nosso parque industrial. A solução deste impasse não pode ser a de terminar com o Serviço de Inspeção Federal, estruturado há um século, eficaz, e que oferece as garantias necessárias aos consumidores.

É como o dilema do Rei Salomão, que propôs cortar a criança ao meio para atender às duas mulheres que reivindicavam a maternidade. Entendemos que a solução não passa pela terceirização da inspeção e fiscalização dos alimentos de origem animal, atividade

exclusiva de Estado, conforme prevê a Constituição. Necessitamos, inicialmente, de gestores conhecedores da área, comprometidos com os objetivos do serviço oficial e com o interesse da população, e não indicações políticas alheias ao setor, as quais possuem, por vezes, outros interesses, que não os de propiciar aos usuários um alimento seguro.

Precisamos de sanções pesadas quando forem verificadas irregularidades ou fraudes na produção de alimentos. É necessário punir exemplarmente os maus produtores, os fraudadores e os que colocam em risco a saúde do consumidor.

O fornecimento de alimento impróprio à população não pode ser considerado como simples desvio de processo. Esta prática danosa deve ser tratada como crime grave e ter punição à altura. E isso, definitivamente, não se resolve terceirizando a inspeção.